

ISABELA MONTEIRO FERREIRA

**O MUNDO ALÉM DO NOSSO: HISTÓRIAS DE
INTERCAMBISTAS AO REDOR DO MUNDO**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2019

ISABELA MONTEIRO FERREIRA

O MUNDO ALÉM DO NOSSO: HISTÓRIAS DE INTERCAMBISTAS AO REDOR DO MUNDO

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Ricardo Duarte

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2019



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto Experimental intitulado *O Mundo Além do Nosso: Histórias de Intercambistas ao Redor do Mundo*, de autoria da estudante Isabela Monteiro Ferreira, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Ricardo Duarte – Orientador e Professor do Curso de Comunicação Social -
Jornalismo da UFV

Prof. Ernane Rabelo – Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Giulliana Mendes Cária – Mestranda em Estudos Linguísticos pela UFV e Diretora de
Intercâmbios Sociais na ONG AIESEC

Viçosa, 29 de novembro de 2019.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso consiste na produção do Livro Reportagem “O Mundo Além do Nosso: Histórias de Intercambistas ao Redor do Mundo”, como requisito para obtenção do título de Bacharel no curso de Comunicação Social/ Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). O objetivo do livro é narrar e descrever experiências reais de quatro intercambistas brasileiros que realizaram trabalhos voluntários nos países Quênia, Colômbia e Argentina com a proposta de trazer uma reflexão sobre o impacto de pequenas ações para comunidades que apresentam hábitos e culturas diferentes. É válido pensar que experiências como as citadas neste livro são capazes de exercitar no indivíduo habilidades como o altruísmo, a empatia, o autoconhecimento e a percepção dos problemas do mundo, orientando-o a propor soluções para essas questões. Essas são competências essenciais para desenvolver, de forma pessoal e profissional, verdadeiros líderes, que no futuro contribuirão para o combate à intolerância e para a redução da desigualdade no mundo.

PALAVRAS-CHAVE:

Histórias de Intercâmbio; Experiências Culturais; Desenvolvimento.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper consists of the production of the Report Book “The World Beyond Ours: Stories of Exchange Students Around the World”, as a requirement to obtain a Bachelor of Arts degree in Social Communication / Journalism from the Federal University of Viçosa (UFV). The purpose of the book is to narrate and describe real experiences of four Brazilian exchange students who have done volunteer work in Kenya, Colombia and Argentina with the purpose of bringing a reflection about the impact of small actions on communities with different habits and cultures. It is valid to think that experiences such as those mentioned in this book are capable of exercising in the individual skills such as altruism, empathy, self-knowledge and perception of the world's problems, guiding him to propose solutions to these questions. These are key

competencies for personally and professionally developing true leaders who in the future will contribute to combating intolerance and reducing inequality in the world.

KEYWORDS:

Exchange Stories; Cultural experiences; Development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO.....	09
CAPÍTULO 2 – DESCRIÇÃO DO PROJETO EMPÍRICO.	12
2.1 Livro Reportagem.....	12
2.2 Memória e História Oral.....	13
2.3 Trabalho Social.....	14
CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO	16
3.1 Pré-Produção	16
3.2 Produção	18
3.3 Pós-Produção.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

INTRODUÇÃO

O intercâmbio, que pode ser entendido como troca de conhecimento, experiências e crenças, proporciona o entendimento de hábitos diferentes e específicos da própria e das outras culturas, auxiliando o indivíduo na construção da própria identidade. O presente trabalho tem como objetivo narrar e descrever experiências reais de quatro intercambistas brasileiros que realizaram trabalhos voluntários nos países Quênia, Colômbia e Argentina com a proposta de trazer uma reflexão sobre o impacto de pequenas ações para comunidades que apresentam hábitos e culturas diferentes.

O contato com uma nova cultura é uma oportunidade de vivenciar uma realidade totalmente diferente e se desenvolver com essa experiência. Depois que ingressei na Universidade Federal de Viçosa (UFV) e tive contato com outras culturas, eu tive a certeza de que essa é uma área que eu gostaria de explorar. Dentro da Universidade, as oportunidades são várias: Projetos de Extensão, Organizações sem Fins Lucrativos e até mesmo trabalhos disciplinares sobre o tema. Decidi fazer parte do Projeto “Embaixadores UFV” e comecei a trabalhar voluntariamente para uma Organização Mundial Sem Fins Lucrativos que realiza intercâmbios voluntários a preços acessíveis.

Em 23 de janeiro a 05 de março deste ano, estive em Cartagena das Índias, na Colômbia, para realizar um intercâmbio social. Estar sozinha em outro país em minha primeira viagem internacional me fez enxergar o mundo com outra perspectiva e conhecer realidades e costumes totalmente diferentes daquilo que eu estava habituada. Essa foi a experiência que me motivou à escolha desse tema para o meu trabalho.

Durante o período de um mês e meio de intercâmbio, vivi com uma família muito hospitaleira e realizei um projeto vinculado ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ODS-ONU) Educação de Qualidade, destinado a comunidades de baixa renda. Dessa forma, ministrei competências básicas do idioma Inglês para crianças e adolescentes em uma escola pública chamada *Institución Educativa Luis Carlos López*, que recebia crianças de 6 anos de idade até adolescentes de 17 anos.

Realizar um intercâmbio em um país subdesenvolvido que carrega forte estereótipo de violência e pobreza me fez entender a importância daquele processo para o meu desenvolvimento como pessoa e como profissional do Jornalismo. Durante esse tempo, tive a oportunidade de observar na prática a hierarquização da identidade (Silva,

2000), ou seja, a supervalorização da própria identidade e desvalorização da identidade do outro. Esse processo também é importante para o questionamento da própria identidade, já que “a viagem obriga o viajante a ter a experiência de sentir-se temporariamente estrangeiro e sentir a instabilidade da própria identidade” (HALL, 1997).

Nesse contexto, o presente trabalho foi construído por meio de entrevistas orais realizadas em formato de Livro-Reportagem, em que as fontes incluem em seus discursos aspectos subjetivos, porém reais, que cativam e despertam o interesse do leitor.

CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com HALL (1997) a identidade e a diferença de um povo são relações sociais, ou seja, criações sociais e culturais, disputadas e impostas por meio de relações de poder. Os autores afirmam que dividir e classificar significa hierarquizar, ou seja, fixar a norma para determinada identidade, elegendo-a como parâmetro e referência em relação às outras. Sendo assim, esse processo nasce entre diferentes grupos nacionais, raciais ou étnicos, ligados a histórias de ocupação e colonização. Segundo os autores isso trata-se, na maioria dos casos, de uma “hibridização forçada”.

“Normalizar significa atribuir a essa identidade características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade.”
(HALL; WOODWARD, 1997, p. 83)

Os autores afirmam, ainda, que o processo de viajar para outro país seria “metáfora do caráter necessariamente móvel da identidade” já que, embora menos traumática que uma migração forçada, por exemplo, a viagem obriga o viajante a ter a experiência de sentir-se temporariamente estrangeiro e sentir a instabilidade da própria identidade. Ou seja, estar em contato com outra cultura nos faz pensar e questionar os próprios hábitos e a própria cultura. Desse modo, os autores classificam a identidade de um povo como “ambígua, indefinida, e uma demonstração do caráter ‘artificialmente’ imposto das identidades físicas”, ou seja, viajar é uma estratégia de questionamento da nossa própria identidade.

“A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. [...] identidade é instável, contraditória, fragmentada,

inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder” (HALL; WOODWARD, 1997, p. 96)

Nesse contexto, identidade e diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação que a identidade e a diferença adquirem sentido e passam a existir, e é por meio dela que é possível definir uma identidade ou diferença de um povo.

No entanto, de acordo com a teoria cultural contemporânea sobre identidade e diferença, o multiculturalismo não pode ser abordado simplesmente por uma questão de tolerância e respeito. Nesse sentido, o multiculturalismo deve ser abordado enfatizando a questão das relações de poder que o envolvem:

“Por mais edificantes e desejáveis que possam parecer, esses nobres sentimentos impedem que vejamos a identidade e a diferença como processos de produção social, como processos que envolvem relações de poder. Ver a identidade e a diferença como uma questão de produção significa tratar as relações entre as diferentes culturas não como uma questão de consenso, de diálogo ou comunicação, mas como uma questão que envolve, fundamentalmente, relações de poder. (HALL; WOODWARD, 1997, p. 96).

Sendo a identidade e a diferença relações sociais e culturais, elas são impostas, não simplesmente definidas. Silva (2000) afirma que “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”, ou seja, o ato de incluir e/ou excluir, resultando na hierarquização. Dessa forma, o autor afirma que ao atribuir uma normalização a uma identidade, atribui-se a ela características positivas e às outras características negativas.

Por isso, a experiência do contato com outras culturas permite ao indivíduo colocar a própria identidade, que está em constante construção, em contato com identidades diferentes, o que enriquece e auxilia esse processo de desenvolvimento. Sendo assim, o contato com outra identidade causa ainda mais instabilidade sobre a própria identidade: “o outro cultural é sempre um problema, pois coloca permanentemente em xeque nossa própria identidade”, afirma HALL (1997).

Segundo Maurice Blanchot (1969, p. 115), apenas percebemos a nossa identidade e as nossas características diferenciadas durante um processo de contato com outras culturas:

"procurar acolher o outro como outro e o estrangeiro como estrangeiro; acolher outrem, pois, em sua irredutível diferença, em sua estrangeiridade infinita, uma estrangeiridade tal que apenas uma descontinuidade essencial pode conservar a afirmação que lhe é própria"

Sendo assim, muitas características da própria identidade apenas são percebidas quando em contato com realidades diferentes. O intercâmbio, que pode ser entendido como troca de conhecimento, experiências e crenças, proporciona o entendimento de hábitos diferentes e específicos da própria e das outras culturas, auxiliando o indivíduo na construção da própria identidade.

CAPÍTULO 2 - DESCRIÇÃO DO PROJETO EMPÍRICO

2.1 LIVRO-REPORTAGEM

Segundo C. Chaparro (2006), os avanços tecnológicos e de informação instigam o jornalista a não simplesmente narrar os acontecimentos, mas compreender e atribuir significados a eles. Por outro lado, esses fatos têm diferentes significados para historiadores e jornalistas: “o primeiro busca uma série de fatos, enquanto o segundo espera encontrar o fato único” (FONTCUBERTA, 1999, p.15). Segundo Rocha e Xavier (2013) o livro reportagem é “menos abrangente que o do historiador, mas mais amplo do que o do jornalista”.

Dessa forma, considera-se um livro-reportagem quando uma obra “trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias”, segundo Rocha & Xavier (2013).

Sendo assim, o livro reportagem auxilia na construção de sentidos, oferecendo contextos e novas abordagens aos fatos por meio do processo de apuração e levantamento de dados. A apuração se orienta pelas fontes em potencial, na escolha de qual tipo e perfil de fontes será utilizado (BORRAT, 2006; MARTINI, 2000; GOMES, 1991). A apuração também conta com “análise de documentos, pesquisa do tema, observação do jornalista tanto das fontes como do ambiente e acontecimentos que norteiam o tema, entrevista a fontes primárias e secundárias e checagem de todos os dados levantados para aferir a autenticidade dos mesmos” (ROCHA; XAVIER, 2013).

De acordo com os autores, o livro-reportagem apresenta aumento no número de publicações nos últimos anos em razão da “queda do custo da impressão, a possibilidade de publicar em novas plataformas, o interesse do público, e também ser uma alternativa aos profissionais jornalistas de desenvolverem, por meio de um suporte específico, um texto diferenciado da prática das hard news”. Wolf (1975, p.35) afirma que o objetivo do Livro Reportagem é aproximar dados e informações da história ao leitor “a ideia era fornecer a descrição objectiva completa, e ainda outra coisa que os leitores encontravam nos romances novelas: concretamente, a vida emocional e subjetiva dos personagens” (WOLF, 1975, p. 35).

Em suma, o processo da produção do livro-reportagem conta com a verificação e investigação em todas as etapas, além da fase de apuração que é estendida até a versão final. Trata-se, também, de um formato que aproxima o leitor do conteúdo por meio da subjetividade, com depoimentos carregados de emoções, apesar de tratar de fenômenos e histórias reais. Considerando que o tema escolhido trata-se de histórias reais, detalhadas, extensas e subjetivas, o Livro Reportagem é o formato que mais se adequa ao trabalho.

2.2 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

Segundo Martinez (2009), o Jornalismo Literário agrega “técnicas literárias às boas práticas jornalísticas para produzir textos informativos e cativantes”. Nesse sentido, essa especialidade do Jornalismo se atenta ao uso da oralidade e à forma como as fontes se expressam. Pensando nisso, o presente trabalho foi construído por meio de entrevistas orais realizadas com as fontes, que incluem em seus discursos aspectos subjetivos, porém reais, que cativam e despertam o interesse ao leitor.

De acordo com Meihy (1994) história oral é um recurso moderno, inaugurado após a Segunda Guerra Mundial, em decorrência do avanço tecnológico e da criação de gravadores e máquinas em geral. Nesse contexto, a história oral passou a ser um mecanismo utilizado para validar experiências que estão, na maioria das vezes, registradas em documentos escritos, sendo uma dimensão quase sempre de valor subjetivo. Portanto, a história oral é um tipo de narrativa na qual particularmente a entrevista gravada ou filmada tem um fundamento de registro permite uma reflexão que varia das possibilidades da documentação escrita.

Nesse sentido, existem quatro principais ramificações dos gêneros de história oral. São elas: história oral de vida, em que a narrativa é rearranjada a partir da história de vida da pessoa; temática, em que o tema central endereça as entrevistas ao desenvolvimento desse tema; tradição oral, na qual a prática deriva dos contatos com grupos onde as tradições acabam por carregar uma memória que tem certa antiguidade; e, por fim, história oral testemunhal, que apresenta traços da biografia pessoal com a existência de um trauma, por exemplo. Cada uma dessas variações podem ser correlatas.

Araújo (1998) apresenta a história oral como narrativa não linear:

“Trata-se de imaginar a narrativa como esta linha que caminha para frente, mas que é capaz de aceitar reviravolta e interrupções. Uma linha que pode se desdobrar em três, quatro, dez, quadros. Quadros com um desenvolvimento relativamente autônomo. Quadros que podem parar, recuar em relação à linha fundamental, e que se relacionam entre si, formando uma espécie de teia, capaz de enredar a narrativa”
(Araújo, 1998, p. 244)

Nesse mesmo sentido, Bobbio (1997) relaciona esse processo de “interrupções e reviravoltas” como característica da lembrança essencial para a construção da identidade:

“O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade”.
(Bobbio, 1997)

Christa Berger (2008) apresenta o uso da memória como instrumento para a reconfiguração da história oficial. Pensando nisso, o Projeto Empírico escolhido deve ser considerado pertencente à ramificação da história oral de vida, visto que as fontes relatam, de forma oral, memórias não lineares de experiências vividas anteriormente em Intercâmbios internacionais voluntários e, assim, essas memórias foram utilizadas para a formulação das histórias oficiais descritas no decorrer do livro.

2.3 TRABALHO SOCIAL

O Conselho do Programa Comunidade Solidária (1997, p.2), avaliando as possíveis motivações para a realização de trabalhos sociais, sugere “o desejo de melhorar a comunidade, promover uma causa ou auxiliar pessoas a quem sequer se conhece. O traço comum ao voluntariado é a afirmação de uma ética da solidariedade”, ou seja, a capacidade de agir em benefício dos outros.

Nesse sentido, as histórias descritas durante o Livro Reportagem narram experiências de intercâmbios internacionais em que as fontes descrevem o trabalho voluntário realizado por elas como oportunidade para realizar serviços em prol de comunidades subdesenvolvidas, em busca de melhorar e impactar, mesmo que minimamente, a realidade das pessoas na comunidade de destino.

CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO

Neste capítulo, são descritos os processos de produção do Livro-Reportagem “O Mundo Além do Nosso: Histórias de Intercambistas ao Redor do Mundo”, divididos nas etapas de pré-produção, em que é narrada a minha experiência pessoal de intercâmbio que motivou a escolha do tema, o primeiro contato com algumas fontes e estudo de referenciais; produção, que consiste na etapa de entrevistas, seleção de depoimentos, elaboração de estrutura e escrita do Livro; e, por fim, pós produção, período de revisão, diagramação, inserção de mapas e imagens e criação da capa.

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Em 23 de janeiro a 05 de março deste ano, estive em Cartagena das Índias, na Colômbia, para realizar um intercâmbio social. Estar sozinha em outro país em minha primeira viagem internacional me fez enxergar o mundo com outra perspectiva e conhecer realidades e costumes totalmente diferentes daquilo que eu estava habituada. Essa foi a experiência que me motivou à escolha desse tema para o meu trabalho.

Durante o período de um mês e meio de intercâmbio, vivi com uma família muito hospitaleira e realizei um projeto vinculado ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ODS-ONU) Educação de Qualidade, destinado a comunidades de baixa renda. Dessa forma, ministrei competências básicas do idioma Inglês para crianças e adolescentes em uma escola chamada *Institución Educativa Luis Carlos López*. A instituição pública apresentava boa infraestrutura e recebia crianças de 6 anos de idade até adolescentes de 17 anos.

Ao longo desse tempo, fui percebendo como a realidade daquelas crianças eram diferentes: algumas apresentavam boa estrutura familiar, outras eram criadas por avós e parentes e algumas não frequentavam todas as aulas, porque passavam dias pedindo dinheiro na rua com os pais (muitas pessoas usavam os filhos para convencer turistas a doarem dinheiro). Várias crianças e adolescentes, ainda, eram imigrantes ilegais que fugiram com suas famílias da crise da Venezuela, intensificada nos últimos anos, em busca de melhores condições de vida na Colômbia e em países vizinhos. Entre tantas histórias que ouvi, haviam imigrantes que precisavam voltar à Venezuela para apoiar

familiares doentes que sofriam com a escassez e o alto custo de remédios. Conheci também dois irmãos que estavam imigrando de país a país, continuamente, com o objetivo final de chegar à Europa, pois sua mãe, jornalista, era perseguida e sofria com a censura imposta pelo governo de Nicolás Maduro.

As crianças se encantavam pela cultura do Brasil. Na escola, éramos cinco voluntários brasileiros de diferentes regiões do país: Nordeste, Sudeste e Sul, e apresentamos para todas as turmas dados sobre a geografia, a biodiversidade, as músicas e os eventos culturais de cada uma das regiões. Os alunos se mostraram muito empolgados e eram todos muito carinhosos: pediam para tirar foto, nos davam inúmeros presentes (adesivos, cartinhas e brinquedos) e pediam até autógrafo! Era incrível ver como ações tão simples, como apresentar nossa moeda, nosso idioma e nossa cultura eram capazes de deixá-los tão animados.

O diretor da escola, Gérman Gonima, era muito hospitaleiro com todos os alunos. Exigia disciplina e trabalhava muito para que eles tivessem oportunidades no futuro. Ele animou-se muito com a chegada dos brasileiros, porque acreditava que nós poderíamos inspirar essas crianças a estudar para ter uma vida melhor.

Ao fim do projeto, realizamos um evento cultural com comidas típicas e nos despedimos da escola e da família que nos acolheu. Voltar ao Brasil não foi nada fácil: no início estranhamos nosso próprio país, nosso idioma, questionamos nossos próprios costumes e às vezes até paramos de ver sentido na rotina que tivemos por tanto tempo.

Essa experiência foi a minha motivação para a escolha do tema para esse trabalho. Ainda na cidade, conheci vários intercambistas brasileiros que descreveram suas experiências, o que despertou ainda mais o meu interesse pelo assunto. Pensando nisso, entrei em contato com a Fundação “Amigos Del Mar”, a qual recebeu vários intercambistas brasileiros. A ONG, que realiza projetos com crianças e adolescentes de Ilha *Tierra Bomba*, localizada próxima à cidade de Cartagena, despertou a minha atenção. O propósito da Fundação me encantou de tal forma que, ainda na Colômbia, visitei o projeto e entrevistei o seu Presidente fundador, Pedro Salazar, para conhecer mais da sua história e a história da Fundação Amigos Del Mar. As outras fontes foram contatadas em conferências e eventos locais e nacionais realizados pela organização que promoveu esses intercâmbios, a qual eu faço parte.

Ao retornar para o Brasil, iniciei a leitura de referenciais teóricos e realizei a decupagem dos áudios gravados em entrevista com o Pedro durante o intercâmbio e

mantivemos contato. Após essa etapa, selecionei os pontos da história da ONG e da Ilha que eu gostaria que fossem abordados no decorrer do livro e transcrevi esses trechos.

Em julho desse ano, participei de uma conferência nacional dessa mesma organização em Nazaré Paulista, São Paulo, onde estiveram reunidos diretores das sedes locais da organização de todo o Brasil a fim de coletar novas histórias. Vários dos presentes já haviam realizado um intercâmbio e, durante o evento, entrevistei nove pessoas sobre suas experiências. As histórias foram posteriormente selecionadas na etapa de produção.

3.2 PRODUÇÃO

Para o processo de produção do Livro Reportagem, realizei criteriosamente uma seleção das histórias ouvidas. A seleção foi baseada na associação entre elas, de modo que tratassem de histórias de alto impacto em diferentes áreas, para que não tornasse a leitura do livro monótona. Sendo assim, as histórias foram escolhidas pelos seguintes critérios: proporção de impacto em áreas diferentes, intensidade da experiência e lembranças nítidas e detalhadas.

Nesse sentido, a versão final do livro apresenta quatro fontes que realizaram trabalho social voluntário nos países Argentina, Colômbia e Quênia. As fontes são jovens entre 21 e 26 anos que vivem em diferentes estados do Brasil e realizaram intercâmbio com um objetivo em comum: impactar a vida das pessoas no local de destino. Elas relataram, em seus depoimentos, as formas pelas quais as experiências contribuíram para suas vidas pessoal e profissional ao terem a oportunidade de viver realidades totalmente diferentes por um determinado período de tempo.

Inicialmente, o livro foi elaborado com uma estrutura de capítulos que dividia as etapas do processo do intercâmbio de todas as fontes de maneira conjunta, desde a tomada de decisão de realizar a viagem até o retorno de cada uma delas. No entanto, em reuniões com o Professor Ricardo, concluímos que esse não seria o melhor formato e o livro foi reestruturado. Nesse sentido, o projeto final desenvolve-se em 75 páginas, tamanho A5, dividido em quatro capítulos, cada qual narrando uma história de impacto social com

mapas, fotos das fontes atuando em seus projetos voluntários e dos ambientes de trabalho. Os capítulos apresentam os seguintes títulos e manchetes:

Capítulo 1. O Poder da Educação: A atitude que mudou a vida de mais de 3 mil crianças no Quênia

Esse primeiro capítulo narra a história de Breno, estudante de Engenharia de Produção no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) que mora em Vila Velha, Espírito Santo, e gerou um impacto em aproximadamente 3000 crianças e adolescentes quando decidiu que faria um intercâmbio no Quênia, país africano estereotipado pela pobreza e pela miséria. Em seu projeto escolhido para realizar durante o intercâmbio, ele daria aulas de matemática para crianças na escola *Hanka Educational Center*, na comunidade *Mathare*, que apresentava condições extremamente precárias. Observando a situação dos alunos da escola, ele concluiu que apenas dar aula não seria suficiente para uma escola que não apresentava condições mínimas de educação, como salas de aula que suportam todos os alunos. Pensando nisso, ele promoveu, com muito sucesso, uma campanha na *internet* para arrecadar recursos que foram destinados à construção de salas de aula e melhoria da infraestrutura da escola.

Capítulo 2. Amigos Del Mar: Voluntários transformam a ilha colombiana Tierra Bomba

Essa história foi escrita com a primeira fonte entrevistada: o Presidente e Fundador da “Fundação Amigos Del Mar”, Pedro Salazar e o voluntário, Gustavo, natural de Uberlândia, Minas Gerais, que realizou seu intercâmbio em 2018 na cidade de Cartagena das Índias, Colômbia, e participou ativamente no projeto da Fundação, localizada em uma pequena Ilha chamada *Tierra Bomba*, que possui uma população de onze mil pessoas, sendo a maioria afrodescendente e não apresenta infraestrutura nem desenvolvimento urbano que ofereça alternativas de crescimento para a comunidade, principalmente aos jovens. Nesse sentido, o Projeto oferece oportunidades de desenvolvimento às crianças e adolescentes da comunidade através dos esportes, da educação e do empreendedorismo.

Atualmente, 3.500 crianças e adolescentes de até dezoito anos moradores da comunidade participam do projeto.

Capítulo 3. Curta Metragem: Estudante usa seus conhecimentos de cinegrafia para ajudar na reestruturação de escola

Maria Luiza Aguiar tem 22 anos, é natural de Recife, Pernambuco, estuda Cinema e conta que fazer um intercâmbio era impossível para sua realidade econômica. Mesmo assim, se esforçou para realizar esse sonho e foi para a cidade de Corrientes, na Argentina, para viver essa experiência. Ela trabalhava com recursos humanos e financeiros em uma organização chamada “Los Niños del Futuro”, que abrigava crianças da comunidade que tinham entre cinco e dez anos. A fundação foi criada com o objetivo de promover o desenvolvimento integral, aprimorar as habilidades sociais e intelectuais e gerar conscientização sobre o cuidado ambiental nas crianças, mas apresentava uma infraestrutura muito precária. Durante o período, ela vendia doces para ajudar na captação de recursos financeiros e procurava voluntários para manter o trabalho quando ela retornasse ao Brasil. Ao fim da viagem, ela usou seus conhecimentos de Cinegrafia para inscrever a organização em um concurso municipal com a produção de um vídeo. A ONG foi ganhadora do prêmio com um valor simbólico que contribuiu para a reestruturação da escola.

Capítulo 4. Feixes de Luz: O Empreendedorismo Social iniciado pelo Intercâmbio

Vitor Belota, natural de Florianópolis, Santa Catarina, atualmente é empreendedor social e foi nacionalmente conhecido após criar o Projeto Litro de Luz no Brasil. A iniciativa foi um desdobramento do seu intercâmbio realizado em 2013, também em Nairóbi, no Quênia, quando, ao observar as necessidades da comunidade e da escola em que trabalhava como professor, procurou uma solução para viabilizar o estudo das crianças, visto que as salas de aula eram precárias e muito escuras. Nesse sentido, ele descobriu a ferramenta “litros de luz”, utilizada para iluminar ambientes sem energia elétrica e implementou mais de 140 garrafas em quatorze escolas de Nairóbi. Ao retornar

para o Brasil, ele deu continuidade ao projeto e fundou a ONG “Litro de Luz no Brasil”, que atualmente está presente em todas as regiões do país.

3.3 PÓS PRODUÇÃO

A etapa de pós produção foi realizada durante os meses de outubro e novembro de 2019, quando versões do memorial e do livro reportagem foram entregues ao professor orientador deste trabalho, Ricardo Duarte, que revisou o conteúdo e apresentou sugestões.

As fotos foram enviadas pelas próprias fontes e algumas foram retiradas de plataformas online dos projetos, como é o caso das ONGs Amigos Del Mar, no capítulo 2, e Litro de Luz, no capítulo 4, mediante autorização dos presidentes das fundações. No decorrer das histórias, também foram inseridos mapas das localizações geográficas dos países e cidades de destino e os trajetos realizados pelos intercambistas da cidade de origem ao local de destino, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor.

A capa do livro foi produzida pela Designer Gráfica Evelin Guevara, natural de Cartagena das Índias, Colômbia, que me acolheu durante a minha experiência de intercâmbio. A arte ilustra um avião, com a parte traseira representando o Brasil, com as cores verde e amarelo, local de partida de todos os intercambistas; a parte frontal com as cores da bandeira da Colômbia, amarelo, azul e vermelho, um boneco representando o Gustavo e as ondas representando toda a história da ONG Amigos Del Mar; à esquerda, a bandeira da Argentina, um boneco representando Malu e o rolo de filme simbolizando a sua história com a cinegrafia durante o projeto; e, por fim, o último boneco à direita em cima da asa com as cores que simbolizam o Quênia caracteriza Vitor e Breno, que contribuíram para a educação daquela comunidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que o Livro Reportagem “O Mundo Além do Nosso: Histórias de Intercambistas ao Redor do Mundo” foi construído por meio de memórias e histórias reais que aproximam o leitor do conteúdo através da subjetividade, composto por depoimentos carregados de emoções dos intercambistas que viajaram o mundo com o propósito de impactar as comunidades de destino, apesar de todos os desafios encontrados.

O trabalho foi dividido nas etapas de pré-produção, em que é narrada a minha experiência de intercâmbio que motivou a escolha do tema, primeiro contato com algumas fontes e estudo de referenciais; produção, que consiste na etapa de entrevistas, seleção de depoimentos, elaboração de estrutura e escrita do Livro; e, por fim, pós produção, período de revisão, diagramação, inserção de mapas e imagens e criação da capa.

Pode-se afirmar, ainda, que experiências como as citadas neste livro são capazes de exercitar no indivíduo habilidades como o altruísmo, a empatia, o autoconhecimento e a percepção dos problemas do mundo, orientando-o a propor soluções para essas questões. Essas são competências essenciais para desenvolver, de forma pessoal e profissional, verdadeiros líderes, que no futuro contribuirão para o combate à intolerância e para a redução da desigualdade no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **História e Narrativa**. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). *Ler e Escrever Para Contar: Documentação, Historiografia e Formação do Historiador*. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.

BERGER, C. **Lembrar, esquecer, narrar, expor, anistiar, cobrar**. Política de memória midiaticizada. In: *Ilha do presídio: uma reportagem de ideias*. Porto Alegre, Libretos, 2008.

BOBBIO, Norberto. **O Tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHAPARRO, Carlos. **De como a ciência pode ajudar a notícia**. Midiamix – Assessoria de Imprensa. *Disponível em: www.midiamix.com/assessoria/nota2.htm*. Acessado em: 20 mar. 2019.

FERREIRA, Marisa; **PROENCA**, Teresa; **PROENCA**, João F. **Las motivaciones en el trabajo voluntario**. *Rev. Portuguesa e Brasileira de Gestão*, Lisboa, v. 7, n. 3, p. 43-53, jul. 2008.

FONTCUBERTA, M. **A notícia: pistas para compreender o mundo**. Lisboa, Ed. Notícias, 1999. **GOMIS**, L. *Teoría del periodismo*. Barcelona, Paidós, 1991

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada**. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 71-83, jul. 2009. *Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>*. Acesso em: 25 out. 2019.

MARTINI, S. **Periodismo, noticia y noticiabilidad**. Buenos Aires, Norma, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe. Bom **Definindo história oral e memória.** Cadernos CERU, n.5, série 2, 1994.

ROCHA, P.; XAVIER, C. O **livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico.** Rumores, v. 7, n. 14, p. 138-157, 27 dez. 2013.

SILVA, Mozart Linhares da. **Identidade Cultural e Alteridade: uma crítica ao essencialismo.** Anais do V Fórum Nacional de Educação e VIII Seminário Regional de Educação Básica: educação, mídia e valores. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005. **Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

WOLFE, T. **The New Journalism.** Londres, Picador, 1975.